

Globethics Repository



A causalidade do Deus Aristotélico [The Causalüy of Aristotle God]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Flannery, Kevin L.
Publisher	Faculdade Jesuita de Filosofia e Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-09-10 17:59:01
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/219572

A CAUSALIDADE DO DEUS ARISTOTÉLICO: A PROPÓSITO DA INTERPRETAÇÃO DE ENRICO BERTI A RESPEITO DO PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL

The Causality of Aristotle God: On Professor Berti's Interpretation of the First Unmoved Mover

Kevin L. Flannery *

Resumo: Em contraposição a Enrico Berti, este artigo defende a interpretação tradicional de que o primeiro motor imóvel é a causa final da primeira esfera celeste. O artigo está dividido em 6 partes: (i) Apresentamos uma síntese da posição de Enrico Berti, tomando-se por base seus artigos a respeito do assunto em 1997 e 2002. (ii) Traz-se à discussão a compreensão que Aristóteles tem a respeito do movimento circular, a partir de duas passagens da *Física*. Para Berti, o movimento da primeira esfera dificulta a compreensão a respeito dela e do primeiro motor imóvel. (iii) Tomamos em consideração *Ética Eudêmia* I, 8 enquanto afirmação aristotélica de que nenhuma coisa imóvel pode ser "prática". (iv) Enfocando *Metafísica* XII, 7, observaremos que Berti não levou em conta uma passagem de *De sensu et sensibilibus* para interpretar este texto da *Metafísica*. (v) Ao contrário de Berti, veremos que *De caelo* II 12 se contrapõe à sua posição. (vi) Apresentaremos por fim a conexão entre a causalidade final e causalidade eficiente do primeiro motor imóvel. Como apêndice, trazemos uma tradução das listas paralelas de *De caelo* II 12.

Palavras-chave: Primeiro motor imóvel, causalidade, Aristóteles, Enrico Berti.

* Professor da Faculdade de Filosofia da Pontificia Università Gregoriana, Roma. Tradução de Antonio Maria Domingos Gomes de nova versão, oferecida pelo autor, de artigo publicado em italiano *Humanitas* v.66 n. 4 (2011): 615-643 e em inglês em *Nova et Vetera* v.10 n. 3 (2012): 833-861. Artigo recebido em 13/04/2013 e aprovado para publicação em 27/09/2013.

Abstract: In contraposition to Enrico Berti, this paper defends the traditional interpretation about the first unmoved mover, i.e., that it is final cause of the first celestial sphere. The paper has 6 parts: (i) We show a summary of Berti's position, from two papers about this subject written by him in 1997 and 2002. (ii) We discuss Aristotle's understanding of circular motion, as set out in two passages in the *Physics*. In Berti's view, the movement of the first sphere creates difficulties for our understanding of its relationship with the first unmoved mover. (iii) We consider a passage in *Eudemian Ethics* I, 8, where Aristotle says that nothing immobile can be "practical". (iv) Focusing the text of *Metaphysics* XII, 7, we note that Berti has overlooked a passage in *De sensu et sensibilibus* to interpret this text of *Metaphysics*. (v) In opposite of Berti, we will see that *De caelo* II 12 goes quite contrary to his position. (vi) Finally, we introduce the connection between the first unmoved mover's final and efficient causality. As appendix, there is a Portuguese translation of the parallel lists of *De caelo* II 12.

Keywords: First unmoved mover, causality, Aristotle, Enrico Berti.

Por grande parte de sua vida acadêmica, o professor Enrico Berti fez própria a interpretação que ele chama de "tradicional", a respeito da causalidade do primeiro motor imóvel de Aristóteles.¹ Segundo tal interpretação, o primeiro motor imóvel move a primeira esfera celeste — a esfera mais distante da terra, à qual estão presas as estrelas fixas — como sua causa final. Como diz Aristóteles em *Metaph.* XII,7, o primeiro motor move em modo próprio ao "objeto do desejo e [ao] objeto da inteligência [que] movem sem ser movidos"; ou, como Aristóteles também diz poucas linhas depois, o primeiro motor move a primeira esfera "como objeto de amor, e por meio do movido move as outras coisas".² Enrico Berti agora

¹ Berti fala do contraste entre seu primeiro e segundo parecer, por exemplo, em E. BERTI, *Nuovi studi aristotelici: II - Fisica, antropologia, metafisica*. Brescia, Morcelliana, 2005, p. 8; Id., *Aristotele: Dalla dialettica alla filosofia prima, con saggi integrativi*. Milano: Bompiani, 2004, pp. 83-85. Outras obras em que trata do tema da causalidade do primeiro motor imóvel são: Id., *Da chi è amato il Motore immobile? Su Aristotele, Metaph. XII 6-7*, in *Méthexis* X (1997), pp. 59-82; Id., *Il movimento del cielo in Alessandro di Afrodisia*, in BRANCACCI, A. (ed.), *La Filosofia in Età Imperiale: Le Scuole e le Tradizioni Filosofiche*. Napoli: Bibliopolis, 2000, pp. 227-43; Id., *La causalità del Motore immobile secondo Aristotele*, in *Gregorianum* LXXXIII 2002, pp. 637-54; Id., *Ancora sulla causalità del motore immobile, Méthexis* XX(2007), pp. 7-28; Id., *Struttura e significato della Metafisica di Aristotele*. Roma, Edizioni Università della Santa Croce, 2006, pp. 135-59. Os dois artigos em que a posição do prof. Berti é exposta de modo mais significativo são os de 1997 e 2002 (ver abaixo, nota 3); doravante estes dois artigos serão denominados respectivamente Berti, *Da chi?* e Berti, *Causalità*. Berti fala frequentemente do "motor imóvel", quando claramente entende o primeiro motor imóvel. O título do artigo de 1997 "Da chi è amato il Motore immobile?" é um exemplo disso.

² κινεῖ δὲ ὧδε τὸ ὁρεκτὸν καὶ τὸ νοητὸν· κινεῖ οὐ κινούμενα — *Metaph.* XII,7,1072a26-27; κινεῖ δὲ ὡς ἐρώμενον, κινούμενόν δὲ τὰλλα κινεῖ — *Metaph.* XII,7,1072b3-4. (Ross, sem nenhuma sustentação pelos manuscritos, dá por sua vez: κινεῖ δὴ ὡς ἐρώμενον, κινούμενα δὲ τὰλλα κινεῖ.). Estes "outros" presumivelmente são as outras esferas celestes, que por sua vez influenciam os eventos mais abaixo; e portanto a interpretação tradicional (ou pelo menos o

rejeita esta interpretação, sustentando, primeiro em 1997, que o primeiro motor imóvel não é a causa final da primeira esfera celeste, mas somente de si mesmo e, depois em 2007, que o mesmo motor não é causa final, mas somente causa eficiente. Neste ensaio, defendo a interpretação tradicional — pelo menos no que diz respeito à ideia de que o primeiro motor imóvel é a causa final da primeira esfera celeste.

Meu procedimento será o seguinte. Na seção I oferecerei uma síntese da posição de Enrico Berti, como apresentada em dois artigos: o artigo há pouco mencionado de 1997 e o outro que apareceu em 2002.³ Na seção II, discutirei como Aristóteles compreende o movimento circular, conforme indicado em duas passagens da *Física*. Para Berti, o movimento da primeira esfera cria dificuldade para nossa compreensão de sua relação com o primeiro motor imóvel. Estas passagens da *Física* sugerem que devemos ser muito prudentes em atribuir o movimento à primeira esfera celeste. Na seção III, considerarei uma passagem da *Ethica Eudemia* I,8, em que Aristóteles diz que nenhuma coisa imóvel pode ser “prática” [1218b5-6]; é uma passagem importante para o argumento de Berti de que o primeiro motor imóvel é independente de todo movimento. Na seção IV, considerarei a observação de Aristóteles em *Metaph.* XII,7 (1072a30-b1) quanto às séries (ou colunas) paralelas, sustentando que Berti não prestou atenção a uma passagem do *De sensu et sensibilibus* a qual nos ajuda a interpretar tal observação. Na seção V, sustentarei que *De Caelo* II,12 — o qual, segundo o prof. Berti, dá apoio à sua posição (entre outras coisas) de que os fins últimos são internos à natureza à qual pertencem — vai contra a posição de Berti. Enfim, na seção VI, apresentarei algumas ideias quanto à conexão entre a causalidade final e a causalidade eficiente do primeiro motor imóvel.

Berti mais jovem) normalmente reconhece um ordenamento teleológico do mundo natural em relação, em última análise, ao primeiro motor imóvel. Onde será possível (como aqui), tomo por base as traduções italianas de Aristóteles feitas por Berti. Para o texto grego de 1072b3-4, Berti segue Jaeger [W. JAEGER (ed.), *Aristotelis Metaphysica*, Oxford, Clarendon, 1957] antes que Ross [W. D. ROSS (ed.), *Aristotle's Metaphysics: A revised text with introduction and commentary*, Oxford, Clarendon, 1953].

³ Os dois artigos são (em ordem) E. BERTI, *Da chi?* e E. BERTI, *Causalità* (ver acima, nota 1). O segundo artigo retoma muitos dos argumentos contidos no primeiro, mas acrescenta também outros argumentos. Minha presente síntese da posição de Berti considera em primeiro lugar estes dois artigos — e não o artigo de 2007, *Ancora sulla causalità* (ver acima) — porque o artigo mais recente pressupõe a argumentação dos dois precedentes. Se os precedentes argumentos decaem (ou são enfraquecidos), decai também (ou se enfraquece) o argumento mais recente. A leitura de *Metaph.* XII,7 no artigo de 2007 é fundamentalmente uma radicalização e uma extensão da ideia que, quando em 1072b3 Aristóteles aparentemente fala do primeiro motor imóvel como um objeto de amor, ele está falando de modo figurativo. A seção em que se apresenta “uma nova interpretação de *Metaph.* XII,7,1072a26-b4” termina com a observação: “Portanto excluiria totalmente que o motor imóvel do céu seja, além de causa eficiente, também causa final, eliminando deste modo a ambiguidade que permanecia em meus escritos anteriores” [E. BERTI, *Ancora sulla causalità*, cit., p. 21]. Como mencionamos na nota 1, Berti discute o tema que nos interessa também alhures.

Em *De Caelo* II,12, ao se preparar para enfrentar o problema da complexidade desencadeada pelos vários movimentos dos corpos astronômicos, Aristóteles diz que “De tudo isto, em verdade, é bem que se procure entender tanto quanto possível, ainda que só disponhamos de escassos dados, a partir dos quais encaminhar nossa investigação, e uma tamanha distância nos separe dos fenômenos a eles relativos” [292a14-17].⁴ A mesma atitude é recomendada no presente estudo da compreensão de Aristóteles da causalidade do primeiro motor imóvel, em particular pela sua expressão em *Metaph.* XII. Vale a pena estudar os textos em questão porque, quer compreendamos ou não Aristóteles, aprenderemos algo a respeito de como funciona (ou deveria funcionar) a teologia natural; mas, por causa do caráter recalcitrante do material com que trabalhamos e, em particular, por causa do estado corrompido do texto de *Metaph.* XII e a concisão extrema da sua argumentação, devemos todos reconhecer também que diversas interpretações dos dados são possíveis. Como diz Aristóteles, das estrelas, “só dispomos de escassos dados a partir dos quais encaminhar nossa investigação, e uma grande distância nos separa dos fenômenos a eles relativos”.

I. A posição de Enrico Berti

A interpretação tradicional de *Metaph.* XII,7, em base à qual o primeiro motor imóvel é a causa final da primeira esfera, está, diz Berti, “em contraste com *Metaph.* XII,6, ou seja, que o Motor imóvel é essencialmente causa eficiente e não causa final”.⁵ *Metaph.* XII,6 contém uma crítica às Formas de

⁴ 292a14-17; tr. O. Longo.

⁵ BERTI, *Da chi?* p. 59. O contraste entre a interpretação tradicional e não tradicional não é talvez tão claro como poderíamos desejar. Berti inclui entre os intérpretes tradicionais seja Tomás de Aquino seja W. D. Ross [*ibi*, pp. 68-71], os quais, mesmo insistindo no fato que o primeiro motor imóvel é causa final, não desmentem que é também causa eficiente — e, antes, Tomás de Aquino é bastante insistente sobre o fato que Deus é causa eficiente. Cf. W. D. ROSS, *op. cit.* vol. I, p. cxxxiv. Em TOMÁS de AQUINO, ver *Summa contra gentiles* 1.13.33 (§ 113) (“Ergo oportet ponere primam causam efficientem esse: quae Deus est”), também *ibi*, 1.6.2 (§ 879) (“Ostensum est enim supra [apud 1.13.33], per demonstrationem Aristotelis [*Metaph.* II,1,993b23-31], esse aliquam primam causam efficientem, quam dicimus Deum”). Ver também *Summa Theologiae* 1.3.4c (“Deum dicimus esse primam causam efficientem”). Por outro lado, Carlo Giacon (1900-1984) e Pedro da Fonseca (1528-1599) — os dois jesuítas com os quais Berti associa a recusa da interpretação tradicional — mesmo pondo o acento, como ressalta Berti, no primeiro motor imóvel como causa final, não vão ao ponto de dizer que a sua causalidade final tem a ver só consigo mesmo. Para Giacon, a causalidade final do primeiro motor imóvel não está isolada de sua causalidade eficiente; a caracterização de Aristóteles em *Metaph.* XII,7 daquilo que foi descrito em *Metaph.* XII,6 como a primeira causa eficiente como causa final é só seu modo de explicar como “a primeira causa eficiente, que move sem ser movida, seja, formalmente falando, movente absolutamente imóvel” [C. GIACON, *La causalità del motore immobile*. Padova, Antenore, 1969, p. 86]. Giacon acrescenta:

Platão, que não podem servir como o primeiro princípio (ou os primeiros princípios) de tudo, diz Aristóteles, porque, ainda que se pudesse dizer que são capazes de “mover e de fazer” [κινητικὸν ἢ ποιητικὸν — 1071b12], elas deveriam ser assim sempre, como é o seu primeiro motor imóvel, que é puro ato. Por este mesmo motivo, nem mesmo “a alma do mundo” pode conseguir isso, porque uma alma comporta potência assim como ato. Por definição, a potência poderia não ser em ato, mas a atividade do princípio de tudo é (e deve ser) eterna.⁶ Berti sabe que no primeiro livro da *Metafísica* Aristóteles reconhece que Platão sustenta que as Formas são a causa ativa do ser e também do devir, mas, como Berti também tem em conta, Aristóteles sustenta que a afirmação de Platão é falsa: “as coisas que participam do ser não vêm ao ser, a menos que não haja uma causa motriz.”⁷ Claramente, a forma do Bem, que — pressupondo que exista — é “perseguida e amada por si mesma,” não é suficiente como o primeiro princípio de tudo, “porque não é atividade” [E. Berti, *Da chi?*, p. 61].

Outro problema em reconciliar *Metaph.* XII,6 e XII,7, se se mantém a interpretação tradicional, é que a primeira esfera não se move *para* o primeiro motor imóvel como para um objeto do desejo, mas roda e então (segundo esta interpretação) imita o primeiro motor imóvel enquanto o movimento circular é o tipo de movimento local que mais se aproxima do repouso. Se porém a Forma platônica do Bem como amado por si mesmo não fornece a atividade requerida por *Metaph.* XII,6, não o faria como “imitada” — outro conceito platônico que conotaria a recepção estática de atenção e nada mais. Seguindo esta linha de raciocínio, o princípio mais alto seria uma causa exemplar e não final, observa Berti; mas Aristóteles diz claramente em *Metaph.* XII,7 que se trata de uma causa final.

Segundo Aristóteles, há dois tipos de causa final: aquilo pelo benefício do qual algo age e aquilo com o escopo do qual algo age. Porque é impossível a Deus beneficiar algo (do contrário não seria imóvel), não pode ser causa

“O mover porém qual causa final não exclui nem substitui o mover da causa eficiente: é para fazer com que a causa eficiente cumpra a própria causação que a final cumpre a sua” [*ibi*, 87]. Para Fonseca, o primeiro motor é o “primum movens ipsum quod est primum appetibile”; é “finis propter quem participatione quadam similitudinis imitativae obtinendum, inferiori intelligentiae orbes coelestes movente” [P. FONSECA, *Commentariorum in Metaphysicorum Aristotelis Stagiritae libros*, G. Olms, Hildesheim (1964) (Colônia, 1615–1629), vol. IV, 106aD-E]. Berti louva Fonseca por não levar adiante a interpretação tradicional: “Segundo [Fonseca] o Motor imóvel não move o céu enquanto desejado por este, porque tal desejo não explicaria o movimento do céu, mas indicaria só a que coisa ele é semelhante, ou seja, faria do primeiro motor uma causa só final, não verdadeiramente eficiente” [E. Berti, *Da chi?* cit., p. 69]. Berti atribui uma tal teoria a Alexandre de Afrodísia — e por isso o critica [E. BERTI, *Da chi?* cit., p. 67]. Ver também C. GIACON, *ibi*, pp. 134–36.

⁶ Berti liga este argumento a *Metaph.* XII,6,1071b17–20 [E. BERTI, *Da chi?* cit., p. 61].

⁷ Estas são as palavras de Berti [E. BERTI, *Da chi?* cit., p. 60]; referindo-se porém a *Metaph.* I,7,991b3–5: ἐν δὲ τῷ Φαίδωνι οὕτω λέγεται, ὥς καὶ τοῦ εἶναι καὶ τοῦ γίνεσθαι αἴτια τὰ εἶδη ἐστὶν· καίτοι τῶν εἰδῶν ὄντων ὅμως οὐ γίγνεται τὰ μετέχοντα ἂν μὴ ἡ τὸ κινῆσθαι...

final no primeiro sentido [E. Berti, *Da chi?*, pp. 64-65, Berti, *Causalità*, pp. 644-45]. Mas há também dois modos em que algo pode ser um fim “com o escopo do qual algo age”: pode vir ao final de um movimento ou pode estar presente em todo o movimento — ou melhor, em toda a *πρᾶξις* (que não é um movimento).⁸ O primeiro motor imóvel é, segundo Berti, um fim neste último sentido, isto é, um fim em si, dado que não se move *para* nada. Todavia, ainda que neste sentido seja um fim, o primeiro motor imóvel não é um fim *prático*, do momento que, como diz Aristóteles em *Ethica Eudemia* I,8 nada de imóvel pode ser prático: ...πρακτὸν δὲ τὸ τοιοῦτον ἀγαθόν, τὸ οὐ ἔνεκα. οὐκ ἔστι δὲ τὸ ἐν τοῖς ἀκινήτοις [1218b5-6]. Esta tese de Aristóteles é difícil de conciliar, sustenta Berti, com a ideia que o motor imóvel seja a causa final do movimento da primeira esfera, porque esta ideia a tornaria um fim prático ou o bem para o qual tal movimento procederia [E. Berti, *Da chi?* p. 65]. Tudo isso sugere, diz Berti, que o confronto levado adiante por Aristóteles [*Metaph.* XII,7,1072a26-27] entre a causalidade do primeiro motor imóvel e a causalidade de um objeto de desejo ou pensamento é só uma “comparação”. De fato, a passagem do *De anima* da qual é tirada essa ideia [III,10,433b16] diz claramente que um tal objeto imóvel que *ele* tem em mente deve ser prático (um *πρακτὸν ἀγαθόν* — 433b17), exatamente aquilo que é excluído (segundo Berti) para o primeiro motor imóvel.⁹

Enrico Berti também encontra sustentação para sua abordagem em uma observação obscura em *Metaph.* XII,7, uma observação que dá sequência a uma série de afirmações por parte de Aristóteles: que (1) o movimento da primeira esfera é circular [1072a22]; que (2) esta é movida por algo que move, mas não é movido [1072a25]; que (3) este é o modo como os objetos do desejo e do intelecto movem [1072a26]; e que (4), no nível mais alto, o objeto do desejo e o objeto do intelecto coincidem [1072a27], pois em tal nível o desejo do bem aparente não é um problema [1072a27-28]. Mais, depois de ter feito todas essas afirmações, Aristóteles diz: “E o intelecto é movido pelo inteligível, e uma das duas séries é por si [καθ’ αὐτήν] inteligível” [1072a30-31].¹⁰ Aristóteles fala com frequência de tais séries ou colunas paralelas, que às vezes são associadas com as séries de opostos dos Pitagóricos;¹¹ mas Berti vê nesta passagem um deslocamento por parte de Aristóteles da consideração de “objetos inteligíveis por si mesmos”, como diferentes de “objetos inteligíveis para nós” [E. Berti, *Causalità*, p. 643]. Isto seria uma confirmação da sua tese que, quando Aristóteles fala em

⁸ *Metaph.* XII,7,1072b2-3; mas ver abaixo, nota 12.

⁹ BERTI, *Causalità*, cit., pp. 641-642; ver também BERTI, *Ancora sulla causalità*, cit., pp. 17-20.

¹⁰ Minha tradução é diferente da de Berti: “E o intelecto é movido pelo inteligível, e uma das duas séries é inteligível por si mesma” [*Metaph.* XII,7,1072a30-31]. Cf. E. BERTI, *Causalità*, cit., p. 642.

¹¹ H. BONITZ, *Index Aristotelicus* (vol. V di *Aristotelis Opera*), de Gruyter, Berlim (1961), 736b33-737a19. Ver também W. D. ROSS, *op. cit.* vol. II, p. 376.

Metaph. XII,7 do primeiro motor imóvel, ele está falando de algo que está totalmente fora do âmbito prático; seria uma confirmação da sua tese que o falar de Aristóteles (dentro de poucas linhas) a respeito do movimento do primeiro motor imóvel como aquele do “amado” [*Metaph.* XII,7,1072 b3] é “justamente uma analogia, isto é, uma comparação” [E. Berti, *Causalità*, p. 644]. O primeiro motor imóvel não é um fim prático — vale dizer, não é um fim que completa um movimento — mas sim um fim a si mesmo e em si mesmo [E. Berti, *Causalità*, p. 645].

Berti liga tudo isto com as distinções feitas acima quanto aos modos de ser uma causa final:

Logo a interpretação tradicional, segundo a qual o Motor imóvel seria o fim do céu e o moveria enquanto objeto de desejo por parte do céu, não só não encontra nesta passagem algum fundamento, mas é explicitamente excluída da afirmação que o Motor imóvel não é fim para “alguém” (τινι) [E. Berti, *Causalità*, p. 645].¹²

A atividade do primeiro motor imóvel não é para sua própria vantagem (ou seja, o fim para alguém: τινι τὸ οὐ ἕνεκα), pois não há nada como sua “vantagem”; mas o primeiro motor imóvel (ou sua atividade) não é nem mesmo para a vantagem da primeira esfera [E. Berti, *Causalità*, p. 645, Berti, *Da chi?* p. 65].

Enrico Berti encontra também sustentação para a sua abordagem em *De caelo* II,12. O argumento deste capítulo é curioso — e também engraçado. Aristóteles fica perplexo pelo fato que o movimento da primeira esfera mais distante de nós e, conseqüentemente, das “estrelas fixas” é simples, constituído por um único movimento; o movimento dos corpos “astronômicos” mais baixos é mais complexo, constituído por muitos movimentos, que derivam das muitas esferas celestes que efetuam o seu movimento; mas, quando nos aproximamos da terra, o movimento dos corpos astronômicos se torna de novo simples [291b28-292a9]: o movimento da lua e o movimento do sol são uniformes e a própria terra é absolutamente

¹² O termo τινι vem de 1072b2. Segundo Jaeger e Ross o texto (de 1072b1-3) é o seguinte: ὅτι δ' ἔστι τὸ οὐ ἕνεκα ἐν τοῖς ἀκινήτοις, ἡ διαίρεσις δηλοῖ· ἔστι γὰρ τινι τὸ οὐ ἕνεκα καὶ πνός, ὧν τὸ μὲν ἔστι τὸ δ' οὐκ ἔστι [*Metaph.* XII,7,1072b2-3]. Mas é preferível a leitura encontrada nos manuscritos E e J: ὅτι δ' ἔστι τὸ οὐ ἕνεκα ἐν τοῖς ἀκινήτοις, ἡ διαίρεσις δηλοῖ· ἔστι γὰρ τινι τὸ οὐ ἕνεκα, ὧν τὸ μὲν ἔστι τὸ δ' οὐκ ἔστι (isto é, eliminando καὶ πνός). (Esta leitura de *Metaph.* XII,7,1072 b1-3 é mantida também por Berti [E. BERTI, *Causalità*, cit., p. 645; E. BERTI, *Ancora sulla causalità*, cit., p. 20; E. BERTI, *Il movimento del cielo*, cit., pp. 229-230]). O texto porém não nega que o primeiro motor imóvel pode ser fim “para alguém”, como sugere Berti. Na passagem, Aristóteles diz que não há dificuldade em afirmar que as coisas imóveis são fins, pois há dois modos como um fim pode ser o fim para algo (τινι: 1072b2): pode ser algo que a outra coisa deve alcançar (e que portanto não existe ainda para ele) ou pode já existir para ele. No segundo caso, do ponto de vista da coisa não imóvel, a relação não é uma relação de “buscar alcançar x”, mas de contemplar uma coisa que já é presente.

estática [292b20].¹³ A explicação de Aristóteles (uma explicação que ele reconhece, como já notamos, estar baseada em “escassos dados” à sua disposição [292a15-16]) é que os corpos astronômicos são como os homens que pedem diversas quantidades de exercício físico com o escopo de permanecer em boa forma:

[...] alguém é são ainda que não faça nenhum exercício; outro, realiza apenas breves caminhadas; mas há um terceiro que precisa da corrida, da luta, e de outros exercícios atléticos. Outro, enfim, mesmo submetido a enormes esforços, não poderia jamais conseguir este bem, mas somente um diferente [ἐτερόν τι].¹⁴

Aristóteles diz, pois, que “aquele que está no melhor modo não precisa de nenhuma ação: é ele mesmo com efeito o fim (ἔστι γὰρ αὐτὸ τὸ οὐ ἕνεκα), enquanto que a ação requer sempre duas coisas, isto é, o fim e aquilo que está em vista dele.”¹⁵

Tudo isso tem consequências não só para nossa compreensão do primeiro motor imóvel, mas também para nossa compreensão das entidades celestes, em particular da primeira esfera. No que diz respeito ao primeiro motor imóvel, a explicação dada significa, diz Berti, que “também em *Metaph.* XII,7, quando se diz que o Motor imóvel é um fim, não se entende dizer que ele seja o fim ‘para alguém’ diferente dele próprio, porque em tal caso deveria ser realizado por meio de uma ação, mas que ele é fim em si mesmo, como convém ao bem supremo” [E. Berti, *Causalità*, p. 647]. No outro extremo do esquema, o sol e a lua se movem de verdade, mas os seus movimentos são mínimos, “porque não chegam nunca ao último termo, mas alcançam o ‘princípio mais divino’ (θειοτάτη ἀρχή) na medida em que podem” [E. Berti, *Causalità*, p. 647]. Isso demonstra, diz Berti, que “o ‘princípio mais divino’ não tem nada a ver com o Motor imóvel, mas é o ótimo para cada um dos corpos astronômicos, isto é, o seu fim, o bem por ele alcançável, como mostra eloquentemente o exemplo da saúde. Por isso também o primeiro céu tem como fim não o Motor imóvel, mas o seu próprio fim [...]” [E. Berti, *Causalità*, p. 647].

¹³ Chamo todos estes corpos ‘corpos astronômicos’ porque a terra não seria, segundo Aristóteles, um corpo celeste (isto é, um corpo que se encontra nos céus). Etimologicamente a palavra ‘astronômico’ sugere também corpos que se encontram nos céus (ἄστρον = estrela); mas, como a astronomia contemporânea reconhece a terra como um planeta, talvez a anomalia linguística seja menos estridente.

¹⁴ *De caelo* II,12,292a25-28 [tr.: O. Longo].

¹⁵ Τῷ δ' ὡς ἄριστα ἔχοντι οὐθὲν δεῖ πράξεως· ἔστι γὰρ αὐτὸ τὸ οὐ ἕνεκα, ἡ δὲ πρῶξις αἰεὶ ἐστὶν ἐν δυνάμει, ὅταν καὶ οὐ ἕνεκα ἧ καὶ τὸ τούτου ἕνεκα. [*De caelo* II,12,292b4-7; tradução tomada de E. Berti, *Causalità*, cit., p. 647].

II. O movimento circular

Obviamente, há muito que discutir na teoria da causalidade do primeiro motor imóvel. Devemos agradecer a Enrico Berti por ter aberto toda uma gama de questões que foram transcuradas nos últimos anos.¹⁶

Com o objetivo de obter uma correta compreensão da causalidade final do primeiro motor imóvel, é necessário entender como Aristóteles compreende o movimento circular do primeiro céu (da primeira esfera). Há dois fatores a serem levados em conta: em primeiro lugar, a não-linearidade do movimento circular em geral; em segundo lugar, o status peculiar da primeira esfera como a mais remota das 49 esferas celestes ideadas por Aristóteles.¹⁷ No que diz respeito ao primeiro fator, o conceito aristotélico fundamental de movimento (ou κίνησις) é que este é algo que tem um início no ponto A, passa através do ponto B, e termina no ponto C, de modo que (como ele diz) qualquer movimento tem um início, um meio e um fim. O movimento circular não corresponde totalmente a este modelo, como é explicado por Aristóteles em *Phys.* VIII,9, uma vez que o seu ponto de partida e o seu ponto de chegada são indeterminados [ἀόριστα — 265a32]:

Por que de fato um ponto qualquer ao longo da linha será limite mais que outro? Cada um deles, com efeito, é conjuntamente princípio, meio e fim, de modo que cada um estará sempre no princípio e no fim — e também não o estará nunca. Por isso, em certo sentido, a esfera é [está] em movimento e em repouso, pois ela ocupa o mesmo lugar.¹⁸

Já que todo ponto na periferia da esfera (ou, quanto a isso, sobre qualquer superfície esférica no interior da esfera) é “princípio, meio e fim”, não há um ponto privilegiado que conta como a completude do movimento da esfera, de modo a estar sempre em movimento; e todavia a esfera está também sempre em repouso, dado que ela (a própria esfera em seu todo) ocupa sempre o mesmo lugar.

¹⁶ O interesse de Berti em relação a esses temas é compartilhado por outros estudiosos recentes. Veja-se, por exemplo: T. DE KONINCK, La ‘pensée de la pensée chez Aristote’, in T. DE KONINCK e G. PLANTY-BONJOUR (eds.), *La question de Dieu selon Aristote et Hegel*, Paris, PUF, 1991, pp. 69-151; L. JUDSON, Heavenly motion and the unmoved mover, in M.L. GILL e J.G. LENNOX (eds.), *Self-motion: from Aristotle to Newton*, New Jersey, Princeton University Press, Princeton, 1994, pp.155-71; M.L. GILL, Aristotle on self-motion, *ibi*, pp. 15-34 (também in L. JUDSON (ed.), *Aristotle’s Physics: a collection of essays*, Clarendon, Oxford [1995], pp. 243-65); C. NATALI, Cause motrice et cause finale dans le livre Lambda de la *Métaphysique* d’Aristote, in M. BASTIT e J. FOLLON (eds.), *Essais sur la theologie d’Aristote*, Louvain-la-Neuve, Éditions Peeters, 1998, pp. 29-50.

¹⁷ *Metaph.* XII, 8,1074a13-14 (aceitando a emenda de ἐπὶ α ἐννέα proposta por Sosígenes).

¹⁸ τί γὰρ μᾶλλον ὁποιοῦν πέρας τῶν ἐπὶ τῆς γραμμῆς; ὁμοίως γὰρ ἕκαστον καὶ ἀρχὴ καὶ μέσον καὶ τέλος, ὥστ’ αἰεὶ τε εἶναι ἐν ἀρχῇ καὶ ἐν τέλει καὶ μηδέποτε. διὸ κινεῖται τε καὶ ἡρεμεῖ πως ἢ οὐαῖρα· τὸν αὐτὸν γὰρ κατέχει τόπον [*Phys.* VIII, 9,265a32-b2].

Aristóteles atribui tudo isso, mas sobretudo o repouso, ao centro da esfera, que é ao mesmo tempo início, meio e fim da distância transcorrida [του μεγέθους — 265b4] — o que, de fato, não é absolutamente distância, uma vez que o centro não *vai* a parte alguma. Uma vez que o centro não se encontra em qualquer superfície esférica teórica que faz parte da esfera [διὰ τὸ ἔξω εἶναι τοῦτο τῆς περιφερείας — 265b4-5], mas o movimento da esfera acontece em relação a ele, um ponto qualquer fora do centro se deslocará *em torno* a ele, como *ao meio* [περὶ τὸ μέσον], sem jamais ir *para* o “extremo” (o fim) do movimento [πρὸς τὸ ἔσχατον], enquanto que os extremos (início e fim) *são* o centro, em torno — mas não para — ao qual qualquer ponto se move.¹⁹ E então, Aristóteles repete, em certo sentido, que toda a esfera “está sempre em repouso e se move de modo contínuo.”²⁰ O repouso da esfera é atribuído obviamente ao centro — isto é, ao eixo central — da esfera, que não se move, mas da qual sai (ou, ao menos, poderia sair) a potência que move a esfera.

Podemos dizer, pois, que a primeira esfera não se move em direção ao primeiro motor imóvel porque (em certo sentido) não se *move*. Isso significa não somente que toda a esfera não muda de posição — da esquerda para a direita, por exemplo — mas que isso que nós chamamos de ‘movimento’, neste caso, não é movimento porque faltam verdadeiros extremos, um princípio e um fim, elementos que definem o movimento. Além disso, notamos que o repouso da esfera é associado por Aristóteles com o centro que move sem ser movido.

Se este argumento, segundo o qual cada esfera giratória deve ser considerada quer em repouso quer em movimento, é susceptível de ser rechaçado como um argumento meramente linguístico (uma resposta, porém, que seria menos convincente uma vez que a questão é justamente o significado da linguagem que Aristóteles utiliza em referência à atividade da primeira esfera), um argumento afim, encontrado no quarto livro da *Física* (capítulo cinco) e pertinente só (ou sobretudo) ao status peculiar da primeira esfera como a esfera mais remota, é demonstrativo do modo mais concreto — pelo menos, se se entra na mentalidade da astronomia grega antiga,

¹⁹ Parece que a ideia seja a seguinte. Pressuponhamos que o fim do movimento seja em *alguma* superfície esférica teórica no interior da esfera. Como o movimento é em torno do centro, seria em uma superfície em direção ao centro, mais que em direção à superfície externa. Ao buscar uma superfície esférica adequada — isto é, a que contém o fim ou o extremo do movimento — as superfícies esféricas que seriam candidatas se tornam sempre menores. Até não chegar ao centro da esfera, não há um candidato totalmente satisfatório — mas, naquele ponto não pode haver um verdadeiro ou definitivo ponto de fim, já que o centro é conjuntamente início, meio e fim [265b3-4].

²⁰ αἴτιον δ' ὅτι πάντα συμβέβηκε ταῦτα τῷ κέντρῳ· καὶ γὰρ ἀρχὴ καὶ μέσον τοῦ μεγέθους καὶ τέλος ἐστίν, ὥστε διὰ τὸ ἔξω εἶναι τοῦτο τῆς περιφερείας οὐκ ἐστὶν ὅπου τὸ φερόμενον ἡρεμήσει ὥς διεληλυθός (αἰεὶ γὰρ φέρεται περὶ τὸ μέσον, ἀλλ' οὐ πρὸς τὸ ἔσχατον), διὰ δὲ τὸ τοῦτο μένειν αἰεὶ τε ἡρεμεῖ πῶς τὸ ὅλον καὶ κινεῖται συνεχῶς [*Phys.* VIII, 9, 265b2-8].

reconhecendo a existência de esferas celestes, etc. Quando se quer dizer que algo se move, deve haver um complexo de coordenadas mais amplo em relação ao qual se diz que se move. Uma vez que, além do universo, não há coordenadas espaciais (de fato, não há “além”, “lá” — já que a própria palavra ‘além’ já implica a presença de coordenadas), não tem sentido falar, por exemplo, do deslocar-se do universo à esquerda ou à direita. Mas, do mesmo modo, não tem sentido falar do movimento rotatório do universo, porque o movimento rotatório pressupõe um complexo de coordenadas em relação ao qual qualquer ponto sobre a superfície de uma esfera muda de posição (de modo contínuo).

Todavia, isso não significa que, em outro sentido, não possamos atribuir movimento rotatório ao universo. Quando uma pessoa está dentro do universo e olha para o céu e, em particular, para as estrelas situadas na primeira esfera, vê uma verdadeira potência: a potência de locomoção. Aristóteles fala do movimento do cosmo como um ir da *direita* à esquerda (presumivelmente, porque a potência humana de iniciar a ação é frequentemente do lado direito).²¹ Mas este movimento das estrelas fixas da direita à esquerda — isto é do leste ao oeste — não seria percebido por alguém fora do universo. De fato, do momento que ninguém *pode* estar fora do universo (no sentido de ocupar um espaço não incluso nele, pois o universo, por definição, inclui todo o espaço), tal movimento não existe.

Encontramos esta abordagem no já mencionado capítulo 5 de *Phys. IV*. Naquele capítulo, Aristóteles compara o conjunto do universo a uma massa de água que não está no interior de qualquer continente de qualquer forma: pode haver vários movimentos de água no interior da grande massa, mas a massa mesma de água (que é presumivelmente esférica) não se move:

Aquele corpo, fora do qual existe um corpo que o circunda, está em um lugar; caso contrário, não está. Por isso, mesmo se aí se tornasse água que não fosse circundada, as suas partes se moveriam — de fato as partes se circundam *mutuamente*; tudo [τὸ δὲ πᾶν], porém, será num sentido movido, em outro sentido não.²²

Poucas linhas depois ele diz que algumas coisas estão de per si “num lugar”, por exemplo, qualquer corpo que se desloca localmente ou quanto às suas dimensões. “Mas”, diz,

o céu, como se disse, enquanto é o todo [ὅλος], não tem um ‘onde,’ nem está em algum lugar, do momento que nenhum corpo o contém. Enquanto

²¹ Ver *De caelo* II,2 (em particular, 285b17-19: τοῦ δ' οὐρανοῦ ἀρχὴ τῆς περιφορᾶς, ὅθεν αἱ ἀνατολαὶ τῶν ἀστρον. ὥστε τοῦτ' ἂν εἴη δεξιόν, οὐ δ' αἱ δύσεις, ἀριστερόν); *Phys.* III,5,205b34; *HA* I,15,494a27-494b1; *IA* IV,705b33-706a1 [κινεῖν γὰρ πέφυκε τὸ δεξιόν, κινεῖσθαι δὲ τὸ ἀριστερόν].

²² Ὡς μὲν οὖν σώματι ἔστι τι ἐκτὸς σώμα περιέχον αὐτό, τοῦτο ἔστιν ἐν τόπῳ, ὃ δὲ μὴ. οὐ. διὸ καὶ ὕδωρ γένηται τοιοῦτο, τὰ μὲν μέρη κινῆσθαι αὐτοῦ (περιέχεται γὰρ ὑπὸ ἀλλήλων), τὸ δὲ πᾶν ἔστι μὲν ὡς κινῆσθαι, ἔστι δ' ὡς οὐ [*Phys.* IV, 5, 212a31-34].

se move, porém, há um lugar para as suas partes — do momento que cada parte é contígua às outras.²³

Em suma, a primeira esfera celeste — que naturalmente é a superfície do próprio universo — não se move, pelo menos em relação ao primeiro motor imóvel.

Esta ideia resolve muitos problemas levantados por Berti. A primeira esfera não se move *para* o seu motor imóvel, mas faz exatamente o que ele faz: nada (pelo menos em relação *a* ele). Mas *a partir* dessa relação em repouso com o primeiro motor imóvel, a primeira esfera deriva seu poder de mover e de mover as outras coisas. Não se trata de uma imitação estática do não-movimento do primeiro motor imóvel, mas de uma participação *n'ele* (ainda que não uma participação no sentido platônico). À diferença das Ideias platônicas, a primeira esfera celeste, sob a influência do primeiro motor imóvel, é verdadeiramente ativa e vigorosa.²⁴

III. Repouso prático: *Ethica Eudemia* I,8, *De anima* III,10 e *Metaphysica* XII,7

Como vimos, Enrico Berti sustenta que a primeira esfera não pode ter o primeiro motor imóvel como sua causa final, porque isso faria que ele tivesse um fim prático — isso que é excluído pela observação de Aristóteles em *EE* I,8, de que nada de imóvel pode ser prático [1218b5-6]. Obviamente, somos agora capazes de responder a esta questão no modo já estabelecido, sublinhando que a primeira esfera se move e não se move

²³ ὁ δ' οὐρανός, ὥσπερ εἰρηται, οὐ που ὅλος οὐδ' ἐν τινι τόπῳ ἐστίν, εἰ γε μηδὲν αὐτὸν περιέχει σῶμα· ἐδ' ὃ δὲ κινεῖται, ταύτῃ καὶ τόπος ἐστὶ τοῖς μορίοις· ἕτερον γὰρ ἑτέρου ἐχόμενον τῶν μορίων ἐστίν [*Phys.* IV, 5, 212b8-11].

²⁴ Numa série de lições publicadas em 2006, Berti leva em conta um argumento que explora a análise física do movimento circular; o argumento rechaçado por Berti sustenta que a relação entre a primeira esfera e o primeiro motor imóvel é uma relação de imitação. Diz Berti: “Que o movimento circular assemelhe-se à imobilidade é verdadeiro, pois a rotação de uma esfera sobre si mesma é movimento, porém não é uma mudança de lugar, uma vez que a esfera permanece sempre no mesmo lugar, isto é, se deve haver um movimento que mais que qualquer outro se assemelhe à imobilidade, pode-se dizer que este é o movimento rotatório. Resta porém o fato que, através deste movimento, não se vê como o céu possa alcançar o seu fim, realizar o seu fim” [E. BERTI, *Struttura e significato*, cit., p. 148]. Os argumentos propostos neste ensaio, porém, não exploram o fato que no movimento circular não há uma mudança de lugar (da esquerda à direita, por exemplo), mas que em certo sentido não envolve o verdadeiro movimento. É verdade que o “movimento” assim concebido não alcança o seu fim, mas este é um ponto a favor da interpretação. Segundo os dois argumentos (o de *Phys.* VIII,9 e o de *Phys.* IV,5), não há a tentativa por parte da primeira esfera de “obter” o primeiro motor imóvel — pois (em certo sentido) não se move. Neste sentido, a primeira esfera imita o primeiro motor imóvel — ou pelo menos faz a mesma coisa que o primeiro motor imóvel faz: permanece imóvel.

(como diz Aristóteles explicitamente duas vezes em *Phys.* VIII,9 e uma vez em *Phys.* IV,5). Esta resposta seria mais que um simples modo verbal de evitar as conclusões de Berti, porque a primeira esfera é verdadeiramente imóvel em relação ao seu motor. Mas a resposta deixa ainda de pé um argumento que parece interferir na interpretação não metafórica da observação de *Metaph.* XII,7, de que o primeiro motor imóvel move “como objeto de amor” [1072b3].

Recorde-se que a observação em *EE* I,8 é utilizada por Berti para diminuir a força da observação relativa em *Metaph.* XII,7, que o primeiro motor imóvel move da mesma maneira que *todo* objeto de desejo ou de pensamento [τὸ ὁρεκτὸν καὶ τὸ νοητὸν — 1072a26] move. Isso parece ser uma referência a *De an.* III,10,433b13-18, em que o motor imóvel, entendido como objeto de desejo ou de pensamento, é descrito como um bem prático [τὸ πρακτὸν ἀγαθόν — 433b16]; mas, como sustenta Berti, enquanto Aristóteles diz em *EE* I,8 que as coisas imóveis não podem ser práticas, a comparação em *Metaph.* XII,7 a objetos quotidianos de desejo ou de pensamento é justamente isto: uma comparação, como a comparação a um objeto de amor.

No que diz respeito a esta linha de argumentação, a primeira coisa a dizer é que a observação em *De an.* III,10, que diz ser um objeto de desejo ou de pensamento um bem prático, é problemática em si mesma. Antes de tudo, não há dúvida que os objetos de desejo e de pensamento são para Aristóteles motores imóveis: logo a observação em *EE* I,8 está em conflito aparente com *De an.* III,10. Além disso, também em *De an.* III,10, poucas linhas antes da observação (em 433b16) quanto ao bem prático, Aristóteles diz que o prático é aquilo que pode ser diferente daquilo que é: πρακτὸν δὲ ἐστὶ τὸ ἐνδεχόμενον καὶ ἄλλως ἔχειν [433a29-30]. Como um motor imóvel pode ser diferente daquilo que é?

A solução de Trendelenburg a este problema é razoável. Ele afirma que a definição do prático em 433a29-30 não contradiz a ideia que o motor aqui seja imóvel: “De fato, na medida em que move o desejo, a coisa imóvel é de per si colocada além das vicissitudes da alma; enquanto o apetite tende para ela, ele admite mutações”.²⁵ Trendelenburg a seguir cita *Metaph.*

²⁵ “Si τὸ πρακτὸν ita supra definiebatur, ut id esset, quod etiam aliter se habere posset: quod nunc immotum dicitur, noli repugnat. Quatenus enim cupidinem movet, ipsum immotum est extra animi vicissitudines positum; quatenus appetitus ad id ipsum tendit, mutationes admittit” [F.A. TRENDELENBURG, ed., *Aristotelis de anima libri tres*, Sumptibus Walzii, Jena (1833), p. 534]. Depois Trendelenburg cita não somente *Metaph.* XII,7,1072a26-30 mas também *MA* VI,700b35-701a2. É interessante que o mesmo problema de um motor que sofre e não sofre se apresenta em *De an.* III,5. In 430a12-13, Aristóteles diz que a arte “sofre” em relação à matéria sobre a qual trabalha: οἷον ἡ τέχνη πρὸς τὴν ὕλην πέπονθεν. (Aqui a arte, e não o artista, é a causa eficiente [ver *Phys.* II,3,195a6] — e a arte não se move.) Mas poucas linhas adiante, Aristóteles dirá que o analogado da arte, ὁ νοῦς que age [τὸ αἰπὸν καὶ ποιητικόν, τὸ ποιεῖν πάντα], é ἀπαθής [430a18]. Em seu comentário, Trendelenburg nos aconselha a não pôr

XII,7,1072a26-30, isto é, a passagem em que Aristóteles fala do primeiro motor imóvel como τὸ ὁρεκτὸν καὶ τὸ νοητόν.

É totalmente apropriado que Trendelenburg cite esta última passagem, pois sua solução ao problema do bem imóvel, mas prático, demonstra que o conceito de um objeto de desejo e de pensamento não implica que ele (o objeto) seja *essencialmente* prático — nem mesmo no contexto de *De an.* III,10. A caracterização de um motor imóvel como prático depende do efeito que tem sobre a coisa que é inclinada para ele. Em *De an.* III,10 os motores imóveis claramente incluem os bens humanos como a comida ou a bebida — coisas para as quais os homens se movem. Enquanto que estes motores imóveis se encontram em relações variáveis com os homens, podem chamar-se práticos. Em *Metaph.* XII,7,1072a26-30, ao contrário, o objeto do desejo e do pensamento move não o apetite da alma humana, mas o amor e a admiração da primeira esfera.²⁶ A relação entre a primeira esfera e o seu motor imóvel não envolve o movimento; daí que não devamos — e não possamos — chamar o primeiro motor imóvel de prático. Mas a razão para isso não é que não seja causa final, como são os objetos de *De an.* III,10, mas que a coisa que o ama não se move para ele.

Em *Metaph.* XII,7, Aristóteles não diz que o primeiro motor imóvel seja bom, mas que é belo [καλόν — 1072a28]; a relação entre algo belo e aquilo que o ama não é uma relação de movimento — mas isso não quer dizer que não haja uma relação de causalidade final. Aristóteles diz em *Metaph.* XIII,3 (isto é, na sua filosofia da matemática), que “o bem e o belo são diferentes: de fato o primeiro está sempre em uma ação, mas o belo está também nas coisas imóveis”.²⁷ (Na observação em *EE* I,8, em que Aristóteles diz que o prático não se encontra nas coisas imóveis [οὐκ ἔστι δὲ τὸ

muita ênfase na palavra πέπονθεν: “ne premas πέπονθεν: perverteres enim rationem, quum ars agat, arti materia subiecta sit. πέπονθεν, nihil aliud quam ἔχει” [ibi, p. 488]. Semelhantemente ao que se vê em *De an.* III,10, a causa “sofre” somente na medida em que o seu objeto muda.

²⁶ Aristóteles sugere — mas não de maneira evidente — que as esferas celestes tenham alma: ver *De caelo* II,2,285a29-30 (ὁ δ' οὐρανὸς ἐμψυχὸς καὶ ἔχει κινήσεως ἀρχήν), II,12,292a20-22 (δεῖδ' αἷ μετεχόντων ὑπολαμβάνειν πράξεως καὶ ζωῆς· οὕτω γὰρ οὐθέν δόξει παράλογον εἶναι τὸ συμβαῖνον). 292b1-2 (Διὸ δὲν νομίζειν καὶ τὴν τῶν ἀστρον πράξιν εἶναι τοιαύτην οἷα περ ἢ τῶν ζώων καὶ φυτῶν) (a ênfase, naturalmente, é acrescentada). Qualquer que seja a razão para a hesitação, é evidente que nestas passagens Aristóteles vê as esferas celestes como capazes de iniciar movimento [κίνησις] e ação [πράξις]. Uma parte do argumento de Berti de que o primeiro motor imóvel não é o objeto (a causa) do movimento da primeira esfera, é a afirmação que em *Metaph.* XII Aristóteles nunca diz que as esferas celestes são animadas. Mas isso é uma *petitio principii*: ele utiliza a conclusão de sua argumentação como premissa. Como Berti reconhece, segundo a maior parte das interpretações, Aristóteles verdadeiramente presume em *Metaph.* XII,7 que a primeira esfera é de certa maneira animada (como deveria ser se tem um ὁρεκτὸν/νοητόν). Há certamente mais evidências em Aristóteles a favor da tese de que as esferas celestes são de certa maneira animadas do que para sua negação. Ver C. NATALI, *Cosmo e divinità: la struttura logica della teologia aristotelica*, Japadre, l'Aquila (1974), p. 83, e também W. D. ROSS, *op. cit.*, vol. I, p.cxxxvi.

²⁷ τὸ ἀγαθὸν καὶ τὸ καλὸν ἕτερον (τὸ μὲν γὰρ αἰεὶ ἐν πράξει, τὸ δὲ καλὸν καὶ ἐν τοῖς ἀκίνητοις)... [1078a31-32].

ἐν τοῖς ἀκινήτοις — 1218b5-6], ele também fala do belo, diferenciando-o do bem.²⁸) O seu ponto em *Metaph.* XIII, 3 é que é bem possível amar os números, ainda que ninguém “vá para” eles, como se vai para os alimentos ou as bebidas. Semelhantemente, a atitude da primeira esfera em relação ao primeiro motor imóvel não é a de uma alma humana para com um bem prático, mas não há nenhuma razão pela qual devemos identificar todo desejo àquele modelo, porque o desejo [ὄρεξις] para Aristóteles compreende não só os desejos mais baixos (como o desejo ardente [ἐπιθυμία]), mas também a βούλησις ou vontade.²⁹ Aristóteles fala do motor imóvel não somente como belo, mas também como objeto da vontade: βουλητὸν δὲ πρῶτον τὸ ὄν καλόν [*Metaph.* XII,7,1072a28].

Logo, eu concordaria com Enrico Berti que a referência de Aristóteles em *Metaph.* XII,7 a *De an.* III,10 não pode ser interpretada como se dissesse que a relação entre a primeira esfera celeste e o primeiro motor imóvel é *exatamente* aquilo que existe entre a alma humana e (por exemplo) a comida e a bebida;³⁰ mas isso não significa que não possa haver uma relação de causalidade final entre a esfera e seu primeiro motor imóvel, ou que toda a causalidade final do primeiro motor imóvel deva referir-se simplesmente a ele mesmo. Aristóteles tem um bom motivo para fazer referência em *Metaph.* XII,7 aos motores imóveis que são bens humanos (como em *De an.* III,10), pois ele quer identificar uma relação entre um motor imóvel e algo diferente dele. A coisa que o primeiro motor imóvel move é muito diferente, em condição e em atitude, da alma humana, quando esta última deseje comida ou bebida, mas também *está* voltada para um objeto de

²⁸ ἀλλὰ πολλὰ καὶ τὸ ἀγαθόν, καὶ ἔστι τὸ αὐτοῦ καλόν, καὶ τὸ μὲν πρακτὸν τὸ δι' οὐ πρακτὸν. πρακτὸν δὲ τὸ τοιοῦτον ἀγαθόν, τὸ οὐ ἐνεκα. οὐκ ἔστι δὲ τὸ ἐν τοῖς ἀκινήτοις [EE I,8,1218b4-6].

²⁹ Cf. *De an.* II,3,414b2 (“De fato a tendência [ὄρεξις] pode ser desejo [ἐπιθυμία], impulso [θυμός] e vontade [βούλησις]) e III,10,433a23-36 (“Ora, enquanto resulta que o intelecto [νοῦς] não move sem a tendência (pois a vontade [βούλησις] é uma tendência [ὄρεξις], e quando nos movemos em conformidade com a razão [κατὰ τὸν λογισμὸν], nos movemos também em conformidade com a vontade), a tendência move ao contrário também contra a razão, já que o desejo [ἐπιθυμία] é uma forma de tendência. O intelecto portanto é sempre reto, enquanto a tendência e a imaginação [φαντασία] podem ser retas e não retas. Por isso sempre é o objeto da tendência que move [τὸ ὁρεκτόν], mas este ou é o bem ou é aquilo que aparece como bem [τὸ φαινόμενον ἀγαθόν]; não porém todo bem, mas o bem que é objeto da ação [τὸ πρακτὸν ἀγαθόν]. Objeto da ação é aquilo que pode ser também de outro modo”). Esta segunda tradução é tomada de Giancarlo MOVIA, *Aristotele, l'Anima: Traduzione, introduzione e commento*, Napoli, Loffredo, 1979; tem a vantagem de não utilizar ‘desejo’ por ὄρεξις; este, por sua vez, torna mais plausível a ideia que o primeiro motor imóvel poderia ser o objeto da ὄρεξις (isto é, do ὁρεκτόν) da primeira esfera. Aristóteles diz em *Metaph.* XII,7,1072a27-30 que, no caso da primeira esfera, ὄρεξις (“tendência”) não é ἐπιθυμία [desejo] mas βούλησις [vontade]. No texto principal, uso ‘objeto do desejo’ como tradução de ὁρεκτόν porque Berti utiliza tal tradução; para ἐπιθυμία, uso a tradução ‘desejo ardente’. No que diz respeito à questão se as esferas celestes são animadas, ver a nota 26.

³⁰ A semelhança entre os objetos de *De an.* III,10 e o primeiro motor imóvel torna-se mais estreita quando o objeto da alma humana é a beleza. Aristóteles associa o movimento circular com a alma humana: *Phys.* IV,5,212b12; cf. também *De an.* I,3,407b59. Isso não seria ir em direção de objetos práticos (como comida e bebida), mas algo mais próximo à contemplação filosófica.

desejo e de pensamento [τὸ ὁρεκτὸν καὶ τὸ νοητὸν — 1072a26]. A atividade das esferas celestes não comporta movimento [κίνησις] no sentido estrito do termo; mas, não obstante isso, o objeto da atenção delas as preenche com um tipo de potência tranquilo e estável: a potência do amor à beleza.

IV. Séries paralelas: *Metaph. XII,7 e Sens. VII*

Como vimos, Enrico Berti sustenta também que a observação de Aristóteles em *Metaph. XII,7,1072 a30-31* que “o intelecto é movido pelo inteligível, e uma das duas séries é de per si inteligível [νοητὴ [...] καθ’ αὐτήν]” (que segue as observações que acabamos de tratar em relação ao modo como a primeira esfera é movida pelo primeiro motor imóvel como a alma humana é movida pelos objetos de desejo e de intelecto) é com efeito um deslocamento do discurso do campo do prático a uma consideração da vida interior do próprio primeiro motor imóvel, que (ali) não ama e nem é amado por ninguém além de si mesmo [E. Berti, *Causalità*, p. 643].

Vale a pena examinar minuciosamente a passagem em questão, levando em conta de modo particular como o argumento flui. Aristóteles começa (em 1072a21) dizendo que o movimento da primeira esfera é circular e eterno, mas também que, a partir do momento que move e se move, não pode ser a última explicação do próprio movimento: “deve haver, por consequência, algo que mova sem ser movido e que seja substância eterna e ato” [1072a25-26]. Ele se refere, obviamente, ao primeiro motor imóvel. A seguir vem a observação que nos interessa: “E deste modo movem o objeto do desejo e da inteligência: movem sem serem movidos” [1072a26-27]. Depois, insere um argumento segundo o qual, no caso específico, não temos necessidade de distinguir o objeto do desejo do objeto do intelecto, uma vez que a primeira esfera não pode trocar o próprio motor imóvel por algum outro objeto de amor, como nós podemos quando o desejo ardente, mais que a vontade, predomina.³¹ (Como vimos, o desejo [ὄρεξις] da primeira esfera é vontade [βούλησις] e não desejo ardente [ἐπιθυμία].)³²

A esta altura chega-se à frase em que Berti discerne um deslocamento. Aristóteles escreve:

E o intelecto é movido pelo inteligível, e uma das duas séries é por si mesma inteligível. Nesta série, a substância é primeira, e, no âmbito da substância, é primeira a que é simples e é em ato [...] .³³

³¹ ἐπιθυμητὸν μὲν γὰρ τὸ φαινόμενον καλόν, βουλευτὸν δὲ πρῶτον τὸ ὄν καλόν [*Metaph. XII,7,1072a27-28*].

³² Ver nota 29.

³³ νοῦς δὲ ὑπὸ τοῦ νοητοῦ κινεῖται, νοητὴ δὲ ἡ ἑτέρα συστοιχία καθ’ αὐτήν· καὶ ταύτης ἡ οὐσία πρώτη, καὶ ταύτης ἡ ἀπλή καὶ κατ’ ἐνέργειαν [*Metaph. XII,7,1072a30-32*].

O que quer dizer isso? A obscuridade da própria observação dá sustentação à tese de Berti de que aqui se trata de uma mudança de perspectiva.

Os comentadores falam, como observa Berti, das colunas pitagóricas segundo as quais “toda a realidade se divide em duas séries de opostos, os termos positivos e os negativos” [E. Berti, *Causalità*, p. 642]. Isso claramente não nos satisfaz, e então Berti sugere que Aristóteles introduz aqui uma distinção entre as coisas conhecidas por nós seres humanos e as coisas que são conhecidas “em si” (ou por si) — e favoreça as últimas:

Parece-me mais verossímil que Aristóteles, tendo mencionado aquilo que é inteligível para o homem, aluda a duas séries de inteligíveis, uma inteligível para o homem e outra inteligível para si mesma. Em tal caso se trata da distinção, professada por ele mais vezes, entre as coisas mais claras, ou mais conhecidas, para nós e as coisas mais claras, ou mais conhecidas, por si mesmas [E. Berti, *Causalità*, p. 642].

Muito razoavelmente Berti rejeita a ideia que Aristóteles esteja falando em 1072a30-31 das séries pitagóricas dos termos positivos e negativos, mas há uma alternativa mais provável do que a que ele propõe. Em *De sensu et sensibilibus*, capítulo sete, Aristóteles discute a respeito de séries (ou colunas) paralelas, na primeira das quais se encontra uma faculdade (um sentido), na segunda seu objeto. Eis a passagem:

Quero dizer: o próprio sentido discerne igualmente o branco e o negro, que são diferentes especificamente; também o sentido que discerne o doce e o amargo é idêntico em relação a si mesmo, mas diferente do precedente. Ora de modo diferente cada um dos dois sentidos discerne um e outro dos contrários, e todavia os vários membros de uma coluna se comportam do mesmo modo, por exemplo, como o gosto para com o doce, assim a vista para com o branco; como a vista para com o negro, assim o gosto para com o amargo.³⁴

Aristóteles claramente tem em mente aqui duas colunas, uma das quais contém as faculdades, a outra seus objetos. A ideia geral é que, mesmo que as várias faculdades tenham obviamente as próprias operações (a vista vê, o gosto degusta), suas relações para com os próprios objetos são análogas: como a vista está em relação ao visível, assim o gosto está em relação ao saborável. De fato, não é difícil imaginar Aristóteles inserindo neste esquema a faculdade quase-mental da primeira esfera e o próprio objeto, o primeiro motor imóvel.

³⁴ λέγω δὲ τοῦτο, ὅτι ἴσως τὸ λευκὸν καὶ τὸ μέλαν, ἕτερον τῷ εἶδει ὄν, ἢ αὐτὴ κρίνει, καὶ τὸ γλυκὺ καὶ τὸ πικρὸν ἢ αὐτὴ μὲν ἑαυτῇ, ἐκείνης δ' ἄλλῃ, ἀλλ' ἑτέρως ἐκάτερον τῶν ἐναντίων, ὥς δ' αὐτὰς ἑαυταῖς τὰ σύστοιχα, οἷον ὥς ἡ γεῦσις τὸ γλυκὺ, οὕτως ἡ ὄψις τὸ λευκόν, ὥς δ' αὐτὴ τὸ μέλαν, οὕτως ἐκείνη τὸ πικρὸν [*Sens.* VII,447b26-448a1].

A única coisa em *Metaph.* XII,7,1072 a30-31 da qual *Sens.* VII não dá uma explicação explícita é a ideia que “uma das duas séries é *por si* inteligível”. Uma possível explicação provém, porém, justamente de *Sens.* VII. No capítulo precedente, Aristóteles estava discutindo sobre a percepção dos objetos mistos: a percepção, por exemplo, através do sentido do gosto, de algo que está entre doce e amargo. Os elementos opostos que entram em combinações não percebidas por si, sustenta ele, uma vez que do contrário o próprio sentido deveria ser dividido; aquilo que é percebido é propriamente uma unidade: a mistura. Mas, diz, “todo [objeto] é mais bem percebido quando é simples do que quando é misturado, por exemplo, vinho puro mais que vinho misturado [...]” (*Sens.* VII,447a17-19).³⁵ Aqui não usa a expressão ‘por si’, mas não parece improvável que, se tivesse estendido sua descrição das duas colunas a este capítulo, Aristóteles poderia ter especificado que na segunda coluna se encontram os objetos que são simples e portanto de per si perceptíveis pelos respectivos sentidos: não como partes de uma mistura, mas em si (ou por si). Nota-se que, em *Metaph.* XII,7,1072a32, Aristóteles fala do objeto na segunda coluna como “simples” [ἀπλῆ].

Uma explicação alternativa — recordemos o que foi afirmado no início deste ensaio, que “nós só dispomos de escassos dados” e estamos a grande distância dos fatos em questão — seria verdadeiramente o caso de Aristóteles ter em mente em 1072a31 uma segunda coluna a conter só os objetos que são conhecidos por si, no sentido usado, por exemplo, em *Analíticos Segundos* I,2,72a1-4. Ali Aristóteles diz, “Chamo anteriores e mais conhecidas em relação a nós as coisas que são mais próxima à percepção, anteriores e mais conhecidas em sentido absoluto aquelas que são mais distantes”.³⁶ As coisas que são “mais conhecidas” não só “em relação a nós” [πρὸς ἡμᾶς], mas “em sentido absoluto” [ἀπλῶς], não são, depois de tudo, inacessíveis a nós seres humanos; é só que devemos trabalhar mais para alcançar tais conhecimentos: devemos tornar-nos “cientistas”, no sentido aristotélico. Mas, justamente como a primeira esfera (como, presumivelmente, toda esfera celeste) não é perturbada por erros causados pela percepção de bens aparentes, assim não é preciso passar através do processo de tornar-se científica: seu objeto, como o objeto próprio de todo verdadeiro cientista, é de per si inteligível. Não há nenhum motivo para dizer que, mencionando uma segunda coluna (*Metaph.* XII,7,1072a31), Aristóteles esteja implicando que, daquele momento em diante, esteja interessado somente naquilo que

³⁵ Em *De generatione et corruptione* I,3,319a14-17, Aristóteles também fala de uma coluna que inclui potências ou faculdades, e a outra seus objetos: Οὐ μὴν ἀλλ’ ὁμοίως ἐν πᾶσι γένεσις μὲν κατὰ τὰ ἐν τῇ ἐτέρᾳ συστοιχίᾳ λέγεται, οἷον ἐν μὲν οὐσίᾳ ἐὰν πῦρ ἀλλ’ οὐκ ἐὰν γῆ, ἐν δὲ τῷ ποιῶ ἐὰν ἐπιστήμων ἀλλ’ οὐχ ὅταν ἀνεπιστήμων. Está claro aqui que o objeto próprio do intelecto seria (como dito em *Metaph.* XII,7,1072a30) o inteligível e não o ininteligível.

³⁶ Tradução tomada de M. MIGNUCCI, *Aristotele: Analitici secondi*, Roma/Bari, Laterza, 2007.

é objeto por si mesmo (e também conhecido por si). Os objetos próprios de *qualquer* conhecedor autêntico são coisas que são de per si inteligíveis.

Tem sentido, pois, que Aristóteles, depois de ter estabelecido o paralelo em *Metaph.* XII,7 com o modo como em que nos encontramos diante dos objetos do desejo e do pensamento [*τὸ ὁρεκτὸν καὶ τὸ νοητόν*], diga que “o intelecto é movido pelo inteligível, e uma das duas séries é por si inteligível”. Na primeira coluna está o intelecto, na outra o inteligível. Aquilo que é entendido (*intellectum*, *τὸ νοητόν*) não é um inteligível qualquer, mas aquilo que é de per si inteligível.

Esta interpretação geral não interrompe o fluxo do discurso de *Metaph.* XII,7; Aristóteles estaria simplesmente continuando sua análise da relação entre a primeira esfera e o primeiro motor imóvel, utilizando o mesmo esquema geral que utilizava para analisar ὄρεξις e νόησις como acontece em *De an.* III,10. O discurso não se deslocou para um exame daquilo que é de per si compreensível, deixando para trás a “comparação” da alma (ou do intelecto) diante do seu objeto, mas continua a tratar da relação entre a alma (ou alguma coisa semelhante a um alma) da primeira esfera e sua causa final: o primeiro motor imóvel.

Vale a pena recordar também que, em *Metaph.* XII,7,1072 b1, Aristóteles se referir ao objeto de (o que a meu aviso deve ser) a primeira esfera celeste como um analogado [*ἀνάλογον*]. Isso seria coerente com suas observações em *Sens.* VII a propósito das faculdades e seus objetos. Como vimos, cada faculdade tem a própria característica, mas, quando faculdade e objeto são colocadas nas respectivas colunas, é evidente que uma faculdade é o analogado de qualquer outra, como o são também seus objetos.³⁷

V. De caelo II,12

Como vimos, Enrico Berti utiliza como prova também *De caelo* II,12, capítulo em que Aristóteles faz uma comparação entre a atividade dos céus e os homens que fazem — alguns mais, alguns menos — exercício físico.

³⁷ O comentário de Siwek à passagem em *Sens.* vii é o seguinte: “Modus, quo visus discernit colores contrarios (e.g. album et nigrum) utique differt a modo, quo gustatus distinguit contrarios saporos (dulce et amarum). At existit certissime — ait Aristoteles — inter duos hos modos similitudo proportionis seu *analogia*: colorem album sentit visus simili modo, quo saporem dulce sentit gustatus. Colorem nigrum simili modo, quo saporem amarum” [P. SIWEK, ed. e tr., *Aristotelis Parva Naturalia graece et latine* (Desclee & C.¹ Editori Pontifici, Roma1963) p. 120, n.308]. A tradução de Siwek de 447a29-448a1 fala também da analogia: “Certe aliter [ambo sensus discernunt] utrumque contrariorum, attamen eodem analogice modo ambo procedunt in discernendis rebus ad se pertinentibus: puta, sicut gustatus discernit dulce, ita visus album; et e contra, sicut visus nigrum ita gustatus amarum”.

Alguns homens parecem estar sempre, e sem esforço, em boa forma; alguns devem só controlar o peso; alguns necessitam não só controlar o peso, mas necessitam correr (etc.). E, enfim, alguns não têm nenhuma esperança de alcançar a saúde perfeita, mas se satisfazem se chegam ao ponto que podem correr e, talvez, ser mais ou menos sãos. Para estes últimos, o correr torna-se o substituto do ser perfeitamente sãos — isto é, do estar na condição melhor: τὸ ἄριστον [*De caelo* II,12,292b10,12, 18, 19]. Essas pessoas, que não têm nenhuma esperança de alcançar a verdadeira saúde, são como a terra, a lua e o sol, que não se movem (ou correm) jamais (como no caso da terra) ou se movem muito pouco (como no caso da lua e o sol). Os homens que controlam o peso e também correm (e alcançam a saúde perfeita) são como os planetas, cujos movimentos são mais numerosos e mais complicados que os movimentos da terra, da lua ou do sol. Os homens que precisam simplesmente controlar o peso, são como as estrelas fixas. Enfim, aqueles que não precisam absolutamente preocupar-se com o peso e que (com maior razão) não devem correr, são como o primeiro motor imóvel: o primeiro motor imóvel não exercita nenhum esforço (que seria o ser em movimento), mas está simplesmente e sempre na melhor forma. Este paralelo entre os homens e o movimento dos corpos celestes e subcelestes explica, segundo Aristóteles, o fato curioso que, quer ao centro do cosmo, quer nos seus extremos haja relativamente pouco movimento — enquanto que esperaríamos um aumento progressivo numa direção ou noutra.³⁸

Deste capítulo de *De caelo* Berti escolhe duas observações, que ele considera como sustentação para sua interpretação de *Metaph.* XII,7. A primeira é a explicação por parte de Aristóteles da analogia entre homens irremediavelmente não-sãos e corpos astronômicos mais baixos: “É por esta razão que a terra não se move realmente, e as coisas próximas a ela têm poucos movimentos. Com efeito, estes corpos não alcançam o fim último, mas podem chegar até algo do divino princípio”.³⁹ Ele interpreta isso como se implicasse que *nenhuma* criatura que busca um fim remoto busca o fim último; a primeira esfera celeste, pois, não tem um tal fim mas mira ao próprio fim interno, assim como o próprio motor imóvel o faz. A segunda observação se encontra um pouco antes, em *De caelo* II,12, em que Aristóteles diz que um ente que não tem necessidade de movimento de nenhum tipo é “ele próprio de fato o fim, enquanto que a ação requer sempre duas coisas, isto é, o fim e aquilo que é em vista dele.”⁴⁰ Enrico Berti entende isso como uma referência, pelo menos por analogia,

³⁸ Ver apêndice.

³⁹ Καὶ διὰ τοῦτο ἡ μὲν γῆ ὅλος οὐ κινεῖται. τὰ δ' ἐγγὺς ὀλίγας κινήσεις· οὐ γὰρ ἀφικνεῖται πρὸς τὸ ἔσχατον, ἀλλὰ μέχρι οὗτου δύναται τυχεῖν τῆς θειοτάτης ἀρχῆς [*De caelo* II,12,292b19-22].

⁴⁰ ἔστι γὰρ αὐτὸ τὸ οὐ ἔνεκα. ἡ δὲ πράξις αἰεὶ ἐστὶν ἐν ὁσίν, ὅταν καὶ οὐ ἔνεκα ἢ καὶ τὸ τοῦτου ἔνεκα [*De caelo* II,12,292b5-7] (tr. de Berti, *Causalità*, p. 647).

ao primeiro motor imóvel, que (repetindo) estaria separado de qualquer atividade prática e seria um fim só a si mesmo.⁴¹

Início com a observação antes mencionada. Como se demonstra no apêndice ao presente ensaio, *De caelo* II,12 compõe-se de uma série de cinco listas paralelas; duas das quais falam dos corpos astronômicos, as outras três de coisas mais mundanas (ou pelo menos de coisas ligadas às coisas mais mundanas): corpos humanos, os animais, as almas humanas, e suas partes. Em geral, as listas contêm quatro elementos, que eu chamo 'divisões' do momento que cada uma assinala um setor ou uma divisão do domínio representado pela lista à qual pertence. Alguma vez Aristóteles desvia do modelo das quatro divisões, mas de tal modo que fica claro que tem sempre em mente o mesmo modelo geral. (Uma vez omite especificar a quarta divisão, uma vez subdivide em duas a quarta divisão). Em cada lista, a divisão mais abaixo (a quarta, se especificada) contém as coisas que não buscam o bem último ("o melhor": τὸ ἄριστον), mas algum substituto, como os homens que não poderão jamais alcançar a saúde perfeita, mas fazem poucas coisas — não são ativos como os homens atléticos — com o fim de *correr* mais do que com o fim de ser perfeitamente sãos. A terceira divisão contém as coisas que chegam ao bem último, mas por meio de muitos movimentos; a segunda divisão contém as coisas que chegam ao bem último por meio de poucos movimentos (de fato, só um movimento); a divisão mais acima contém as coisas que não requerem ou envolvem nenhum movimento.

Então, mesmo que seja verdade que os membros das várias quartas divisões das listas "não alcancem o fim último", eles certamente não podem ser comparados aos membros das divisões mais acima nas várias listas. Em particular, o suposto fato que o sol, a lua e a terra sejam semelhantes aos relativamente inativos não-atletas não significa que a primeira esfera celeste — que tem um movimento simples e, portanto, pertence à divisão 2 da sua lista⁴² — seja igualmente defeituosa, porque o verdadeiro ponto das listas (e do capítulo) é demonstrar que os membros das várias quartas divisões são diferentes dos membros das divisões mais altas. A simplicidade das segundas divisões e a simplicidade das quartas divisões se devem a causas muito diversas.⁴³

⁴¹ Uma vez que agora Berti sustenta que o primeiro motor imóvel não é de fato uma causa final (cf. BERTI, Ancora sulla causalità del motore immobile: ver acima, nota 3) é possível que seu ponto de vista quanto a esta passagem tenha mudado. Vale a pena, porém, tomar em consideração a passagem por seus méritos próprios, pois há aí algumas informações a respeito da compreensão de Aristóteles acerca da relação entre a primeira esfera e seu motor imóvel.

⁴² Ou, mais precisamente, *listas*: (a) e (d). Ver apêndice.

⁴³ Ver apêndice, especialmente o comentário a 292a28-30.

Vale a pena observar também que os membros de uma das quartas divisões são ditos por Aristóteles estar “a caminho” para “o melhor”: πρὸ ὁδοῦ [...] πρὸς τὸ ἄριστον [292b9-10].⁴⁴ Como as listas de *De caelo* II,12 são listas paralelas, a referência de Aristóteles ao “divino princípio” [τῆς θειοτάτης ἀρχῆς] na última lista (“estes corpos não alcançam o fim último, mas podem chegar até algo do divino princípio” [292b21-22]) não deve fazer referência ao fim próprio e interno dos membros desta quarta divisão, como sustenta Berti, mas ao princípio mais alto ou ao primeiro motor imóvel (τὸ ἄριστον) —que, todavia, eles não podem alcançar jamais. A ideia seria que eles não podem chegar ao divino princípio, mas a algo conexo a ele: “podem chegar até algo do divino princípio”.

A segunda observação que Berti escolhe de *De caelo* II,12 faz parte da discussão de Aristóteles a respeito dos animais e das plantas. A discussão diz respeito, naturalmente, a uma lista (a terceira em *De caelo* II,12), e a observação em questão — “é ele mesmo de fato o fim, enquanto que a ação requer sempre duas coisas: o fim e aquilo que é em vista disso” — pertence à primeira e à segunda divisão da lista.⁴⁵ Esta observação não dá apoio à ideia de que o primeiro motor imóvel não funciona como causa final da primeira esfera, mas antes o contrário. O ponto de Aristóteles é que, ainda que o intelecto ativo não comporte nenhuma ação (οὐθὲν δεῖ πρῶξως — 292b5), cada membro da segunda divisão (vale dizer, cada intelecto passivo) comportará a ação (ἡ δὲ πρῶξις αἰεὶ ἐστὶν ἐν δυσίν — 292b6), ou seja, a ação que tem dois polos: um, o próprio intelecto passivo; outro, um membro da primeira divisão (ou um intelecto ativo). Uma vez que as listas de *De caelo* II,12 são listas paralelas, devemos concluir que há uma relação entre qualquer esfera celeste e seu motor imóvel; há, portanto, uma tal relação entre a primeira esfera e o primeiro motor imóvel.

VI. A causalidade eficiente

Na maior parte deste ensaio, estivemos ocupados com a causalidade final do primeiro motor imóvel; mas, uma vez que a tese de Enrico Berti é que o primeiro motor é em primeiro lugar — ou até exclusivamente — causa eficiente, é oportuno concluir com alguma palavra a respeito da causalidade eficiente do próprio motor e sobre sua conexão, segundo Aristóteles, com sua causalidade final. De fato, este tema permite-nos retomar a tese principal do presente ensaio, ou seja, a ideia que a primeira esfera pode ser dita em certo sentido quer em movimento, quer independente do movimento.

⁴⁴ Isto é dito em referência à quarta divisão na lista (c); ver apêndice.

⁴⁵ No apêndice, (c) 1 e 2.

Em *Phys.* II,3, Aristóteles oferece-nos uma definição de causa eficiente: “aquilo de onde [ὅθεν] é o primeiro início da mudança e do repouso: quem deliberou, por exemplo, é causa, e o pai é causa de seu filho, e em geral aquilo que faz o é do feito e aquilo que muda o é da mudança”.⁴⁶ A palavra ὅθεν (de onde) assinala um ponto de origem espacial da mudança [μεταβολή] ou do repouso [ἡρέμῃσις], ainda que a relação entre a causa eficiente e seu efeito não seja necessariamente uma relação física. A relação entre quem delibera, na medida em que delibera, e aquilo que efetua, não comporta o contato físico entre a causa eficiente e seu efeito: uma coisa intelectual como a deliberação não pode ter contato físico com nada. Nesse sentido a relação não é física. Mas a causalidade eficiente também de quem delibera não é totalmente independente do físico: produz o efeito em certo ponto espacial (e temporal) — ou, ao menos, pode fazê-lo, quando a deliberação trata de uma ação física.⁴⁷ Esta capacidade por parte da ação deliberada de abranger os dois setores — físico e não físico — é o que permite a Aristóteles de conceber a primeira esfera celeste como em movimento, mas também independente do movimento. A intenção de fazer algo não é uma mudança física: é um simples olhar para um fim. Mas não é nem por isso separada da ação física à qual corresponde. Conforme afirmamos (na seção II), a causalidade final entre a primeira esfera e o primeiro motor imóvel pode ser descrita como sem movimento; a causalidade eficiente entre os mesmos comporta ao contrário o movimento. Que Aristóteles queira associar estas duas — a causalidade final e a causalidade eficiente — se torna claro quase ao final da *Física*.

⁴⁶ ὅθεν ἡ ἀρχὴ τῆς μεταβολῆς ἢ πρώτη ἡ τῆς ἡρεμίας, οἷον ὁ βουλευσας αἴτιος, καὶ ὁ πατὴρ τοῦ τέκνου, καὶ ὅλος τὸ ποιῶν τοῦ ποιουμένου καὶ τὸ μεταβάλλον τοῦ μεταβαλλομένου [194b29-33].

⁴⁷ C. Giacomoni lamenta o fato que a compreensão de Tomás de Aquino acerca da causalidade do primeiro motor se baseie em uma leitura errônea platônica de *Metaph.* II,1 [C. GIACOMONI, *op. cit.*, pp. 113-125], mas a análise de Tomás não é baseada exclusivamente nesta passagem. Em *Sent.* 1.37.1.1c, Tomás explica como entende a relação entre causalidade eficiente natural e divina. Ele recomenda a compreensão de Avicenna acerca da diferença e semelhança entre as duas: “[...] agens naturale est tantum causa motus, et agens divinum est causa esse. Unde, secundum [Avicennam], qualibet causa efficiens remota, removetur effectus suus, sed non esse rei; et ideo remoto aedificatore, non tollitur esse domus, cujus causa est gravitas lapidum quae manet, sed fieri domus cujus causa erat; et similiter remota causa essendi, tollitur esse”. Um pouco antes, Tomás observa que a causalidade eficiente se diferencia em entidades materiais e imateriais. Como duas entidades materiais não podem estar no mesmo lugar, a causalidade eficiente tem necessidade de contato físico; mas as entidades espirituais não têm essa restrição: “ubi est quod movetur, ibi est ipsum movens; sicut anima est in corpore, et sicut virtus movens caelum dicitur esse in dextra parte orbis quem movet, unde incipit motus, ut habetur in *Phys.* VIII” [*Sent.* 1.37.1.1c] (cf. C. GIACOMONI, *ibid.*, p. 7). Parece que a referência é a *Phys.* VIII,5,258a21-22 (cf. Tomás, in *Phys.* 8.9.3 [§ 1064]), mas Tomás claramente tem em mente também *De caelo* II,2 (285a27-286a2, e sobretudo 285b16-19). Nesta última passagem, Aristóteles fala da causalidade eficiente; como sugere Tomás em *Sent.* 1.37.1.1c, ele entende a esfera em questão como animada: ὁ δὲ οὐρανὸς ἐμψυχὸς καὶ ἔχει κινήσεως ἀρχήν [*De caelo* II,2,285a29-30; cf. também TOMÁS DE AQUINO, in *Aristotelis libros de caelo et mundo expositio*, ed. ed. R. M. Spiazzi, Torino, Marietti, 1952, 2.3 (§§313-29)].

Pouco antes da passagem que nos interessa, Aristóteles sustenta, de modo típico, que toda série de coisas movidas e moventes parará [στήσεται — 267b1] em algo imóvel. Isso, diz Aristóteles, não prova nenhuma mudança [μεταβολήν — 267b4-5]. E depois diz:

É necessário que aquilo que é movido não tenha nenhuma mudança com relação a isso, a fim de que o movimento seja semelhante. É portanto necessário que ele esteja ou ao centro, ou na circunferência; de fato estes são os princípios. Mas as coisas que são movidas mais velozmente são aquelas movidas mais próximas ao motor; e tal é o movimento da circunferência. O motor, então, se encontra lá.⁴⁸

Há um paradoxo nesta observação, em particular quando Aristóteles diz que necessariamente a coisa movida não prova *nenhuma* mudança “a fim de que o movimento seja semelhante” [ἵνα ὁμοία ᾖ ἡ κίνησις — 267b6]. Aristóteles está falando justamente do problema que envolverá seus seguidores nos anos (e séculos) seguintes: como um movimento, mesmo muito regular, pode ser uma imitação da *ausência* de movimento?⁴⁹ Na passagem que acabamos de citar, dá-nos uma resposta a este problema. Dado que se trata da combinação de não-mudança e mudança (ou movimento), é “portanto necessário” que o motor imóvel “esteja ou no centro, ou na circunferência” [267b6-7]. (Esta observação nos faz pensar, naturalmente, nas duas passagens da *Física* que examinamos acima: *Phys.* VIII,9,265a32-b2 e IV,5,212a31-b11.) Colocar o motor ou no centro ou na circunferência resolve o problema, porque um ou outro se encontra no estado de repouso: o centro de modo bastante obvio, a circunferência (ou periferia) pelas razões que vimos em *Phys.* IV,5,212a31-34. Que Aristóteles escolha “colocar” o primeiro motor imóvel na parte da periferia mostra como ele queira uma clara explicação da causalidade *eficiente* do motor: é ali, e não no centro, que se vê movimento, o movimento das estrelas fixas de leste a oeste.⁵⁰ Mas Aristóteles quer também que essa causalidade eficiente tenha sua origem no repouso, ou seja, na independência de qualquer coordenada espacial que nos permitisse falar do movimento.

⁴⁸ δεῖ δὲ οὐδὲ τὸ κινούμενον πρὸς ἐκεῖνο ἔχειν μεταβολήν. ἵνα ὁμοία ᾖ ἡ κίνησις. ἀνάγκη δὲ ἢ ἐν μέσῳ ἢ ἐν κύκλῳ εἶναι· αὐταὶ γὰρ αἱ ἀρχαί. ἀλλὰ τάχιστα κινεῖται τὰ ἐγγύτατα τοῦ κινού ντος. τοιαύτη δ' ἡ τοῦ κύκλου κίνησις· ἐκεῖ ἄρα τὸ κινούν [*Phys.* VIII,10,267b5-9].

⁴⁹ Ver TEOFRASTO, *Metafísica*, capítulo 2, especialmente 5a23-27 e também o comentário de van Raalte [M. van RAALTE, ed., *Theophrastus: Metaphysics, with an introduction, translation, and commentary*, Brill, Leida/New York 1993, pp. 179-183]. Ver também E. BERTI, *Teofrasto e gli Accademici sul moto dei cieli*, in M. MIGLIORI, *Gigantomachia: Convergenze e divergenze tra Platone e Aristotele*, Brescia, Morcelliana, 2002, pp. 339-356 e E. BERTI, “Il movimento del cielo”, *cit.*

⁵⁰ Não queremos dizer que o primeiro motor imóvel seja literalmente “colocado” na periferia do universo, uma vez que — como o intelecto humano — não sendo uma coisa física não pode ser em um lugar; mas é “lá” no sentido que lá tem o seu efeito, como o intelecto humano tem o seu efeito onde se encontra o corpo a que pertence.

O paradoxo que identificamos em *Phys.* VIII,10,267b5-6 — ou seja, dizer que é necessário que a coisa movida não prova nenhuma mudança a fim de que seu movimento tenha uma certa característica — não indica uma contradição na posição de Aristóteles porque, na frase mesma (a primeira frase da citação acima), ele especifica o aspecto que tira a ambiguidade: “É necessário que aquilo que é movido não tenha nenhuma mudança em relação a ele, a fim que o movimento seja semelhante”. A primeira esfera é em movimento — antes, este movimento é mais veloz de qualquer outro movimento nos céus;⁵¹ mas em relação a seu motor imóvel [πρὸς ἐκεῖνο — 267b5], não se move. Isto faz o movimento da primeira esfera “semelhante” [ὅμοιον] àquele do primeiro motor imóvel — e não sua regularidade, como sugere talvez Alexandre de Afrodísia.⁵² É semelhante porque em relação ao primeiro motor imóvel não comporta nenhum movimento; “e no entanto se move”, em relação ao resto do universo.

Eis pois a interseção dos dois tipos de causalidade. No seu olhar para o primeiro motor imóvel (seu “objeto do desejo” e “objeto da inteligência”), a primeira esfera é em repouso e enamorada. Sua relação com o primeiro motor imóvel é um movimento, em certo sentido, ainda que não possamos chamá-lo assim e falar de modo razoável, uma vez que não há as coordenadas externas que permitem que tal fala tenha sentido. Todavia seu amor pelo primeiro motor imóvel é seu movimento em relação às coordenadas dentro do universo, debaixo de si. Em outras palavras, este último movimento é a mesma coisa como o amor para com o motor imóvel, vista agora de uma perspectiva diferente, uma perspectiva a partir da qual podemos falar de modo razoável de movimento.

No fim da *Ethica Nicomachea* VII, um pouco antes de passar ao livro VIII para falar da φιλία, Aristóteles diz que o prazer de Deus é único e simples — e também é poderoso: “De fato há atividade [ἐνέργεια] não só do movimento, mas também da imobilidade, e o prazer se encontra mais no repouso que no movimento”.⁵³ A primeira esfera participa deste poder e o transmite às partes inferiores do universo.

⁵¹ Não há nenhuma contradição entre esta ideia e a ideia que já consideramos, isto é, a primeira esfera tem só um movimento e os corpos astronômicos mais abaixo muitos movimentos. O único movimento da primeira esfera (e portanto das estrelas fixas) é mais veloz que outros movimentos múltiplos.

⁵² E. BERTI, Il movimento del cielo, cit., pp. 231–233; ALEXANDRE DE AFRODÍSIA, *Quaestiones*, I. Bruns, ed., Reimer, Berlim 1892, vol. II.2 <suppl.> de *Commentaria in Aristotelem Graeca*, 62.15–63.7.

⁵³ οὐ γὰρ μόνον κινήσεως ἐστὶν ἐνέργεια ἀλλὰ καὶ ἀκινήσεως, καὶ ἡδονὴ μᾶλλον ἐν ἡρεμίᾳ ἐστὶν ἢ ἐν κινήσει [EN VII,14,1154b26–28].

APÊNDICE: As listas paralelas de *De caelo* II,12

Em *De caelo* II,12, Aristóteles dá-nos cinco listas, três das quais contêm quatro divisões, enquanto que as outras duas — (a) e (c) — refletem as quatro divisões das outras três. As divisões em cada lista têm analogados ou analogados implícitos nas outras. As listas são as seguintes:

(a) corpos astronômicos [292a22-24]

- 1: Não há necessidade de movimento [ὕπαρχειν τὸ εὖ ἄνευ πράξεως];
- 2: Há necessidade de pouco movimento, vale dizer, de um só movimento [διὰ ὀλίγης καὶ μιᾶς];
- 3: Há necessidade de muitos movimentos [διὰ πλειόνων];
- 4: [não se especifica].

(b) corpos humanos [292a25-28]

- 1: Não há necessidade da ginástica [οὐδὲ γυμναζόμενον εὖ ἔχει];
- 2: há necessidade de um breve passeio [μικρὰ περιπατήσαν];
- 3: é necessário correr, boxear, etc. [καὶ δρόμου δεῖ καὶ πάλης καὶ κονίσεως];
- 4: não é possível jamais alcançar a saúde, mas só algum substituto [ἔτερόν τι].

(c) os animais e as plantas [292b2-10]

- 1: Não há necessidade de nenhuma ação [οὐθὲν δεῖ' πράξεως] (o intelecto ativo humano);
- 2: há necessidade de uma só ação, vale dizer, do intelecto passivo em relação ao ativo [ἡ δὲ πράξις αἰεὶ ἐστὶν ἐν δυσὶν, ὅταν καὶ οὐ ἔνεκα ἢ καὶ τὸ τοῦτου ἔνεκα];
- 3: os homens, enquanto capazes de muitas ações [πλείστοι πράξεις];
- 4: as outras coisas: (a) os animais puros, como capazes de poucas ações [τῶν ἄλλων ζώων ἐλάττους], e (b) as plantas, como capazes talvez de uma só ação [τῶν φυτῶν μικρά τις καὶ μία ἴσως].

(d) corpos astronômicos [292b10-13]

- 1: Já têm o melhor ou dele participam [ἔχει καὶ μετέχει τοῦ ἀρίστου];
- 2: alcançam o estado melhor com poucas ações [εὐθύς δι' ὀλίγων];
- 3: alcançam o estado melhor com muitas ações [διὰ πολλῶν];
- 4: podem só aproximar-se do estado melhor [ικανὸν εἰς τὸ ἐγγὺς τοῦ ἐσχάτου ἐλθεῖν].

(e) coisas em busca da saúde [292b13-17]

- 1: São sempre sãs [ἀεὶ ὑγιαίνει];
- 2: há necessidade de emagrecer (e portanto serão sãs) [ισχνανθέν];

- 3: há necessidade de emagrecer e de correr (e portanto serão sãs) [δραμὸν καὶ ἰσχνανθέν];
4: fazem qualquer outra coisa com o fim de correr [ἄλλο τι πρᾶξαν τοῦ δραμεῖν ἐνεκα].

Na lista (a) a quarta divisão não é especificada, provavelmente porque Aristóteles não explicou ainda a razão pela qual seus membros (o sol, a lua e a terra) executam um número menor de movimentos; essa explicação inicia só depois, na analogia estendida que inicia com a lista (b). Logo após ter dado a lista (b), Aristóteles diz [292a28-30] que é bastante fácil a dados puxar uma ou duas vezes “os olhos da serpente” [o arremesso de Quio, isto é, o arremesso mais ruim no jogo de astrágalos], mas muito difícil fazê-lo milhares de vez. Assim, a razão para a simplicidade característica da divisão 4 é muito diferente daquela para a simplicidade da divisão 1: a atividade dos membros da divisão 4 é simples por causa da falta de empenho e de controle inteligente envolvidos; um membro da divisão 1 é simples, porque só um único e simples princípio pode compreender e controlar todos os movimentos que dependem dela.

A lista (c) é a mais difícil — mas também a mais interessante — das cinco. As divisões não são apresentadas na mesma ordem como nas outras listas; as distinções entre as divisões não são indicadas de modo tão claro; a quarta divisão está subdividida em duas partes. Aristóteles acrescenta também uma observação explicativa (292b8-10) a esta lista, a qual trouxe dificuldades interpretativas. A divisão 3 é colocada em primeiro lugar (292b3-4); a seguir vêm as divisões 1 e 2, como um parêntese (pelo menos na edição de Allan, mas não na de Bekker): 1 em 292b4-6, e 2 em 292b6-7. Nestas linhas, Aristóteles não fala explicitamente do intelecto e das suas “partes”, mas é evidente que o tem em mente.⁵⁴ Ainda que Aristóteles fale da ação [πρᾶξις] da divisão 2 como que envolvendo dois fatores (ἐν δυοῖν — 292b6), a ação é única.

A divisão 4 aparece em 292b7-8 e está subdividida em animais [ζώων] e plantas [φυτῶν]. A seguinte observação explicativa [292b8-10] mostra-se tanto um resumo de toda a seção anterior (292b2-8) como da observação feita há pouco sobre os animais e as plantas (divisão 4). Nela, Aristóteles reconhece ter feito uma distinção entre os homens e as outras coisas (animais e plantas). (Note-se a construção gramatical ἡ ... ἥ: ἡ γὰρ ἐν τί ἐστιν οὗ τύχοι ἄν, ὥσπερ καὶ ἄνθρωπος, ἥ καὶ τὰ πολλὰ πάντα πρὸ ὁδοῦ ἐστι πρὸς

⁵⁴ Simplicio fala do intelecto neste contexto geral, mesmo sem fazer referência específica a 292b10 [τὸ μὲν οὖν ἔχει καὶ μετέχει τοῦ ἀρίστου]; cf. in *De caelo*, 485.16-22. Esta passagem inclui um fragmento do *Περὶ εὐχῆς* de Aristóteles, em que se diz que Deus é intelecto ou algo superior ao intelecto: νοῦς ἐστὶν ἡ ἐπέκειννά τι τοῦ νοῦ (V. ROSE, ed., *Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta*, Lipsia, Teubner, 1886, fr. 49).

τὸ ἄριστον). O homem consegue alcançar o único estado melhor [ἐν τῷ ἑστίν οὐ τύχοι]; as outras coisas estão somente *na estrada para* o estado melhor; isto é, como na quarta divisão de (b), (d), e (e), devem ser satisfeitas com um substituto para o melhor.

É mais claro que a distinção aqui seja entre os homens e todos os outros seres vivos (isto é, animais e plantas) se se seguem os manuscritos M, F, ou H, cada um dos quais inclui a palavra ἄλλα de alguma forma; ἄλλα seria um eco do ἄλλων na linha 292b7 (ainda que o ἄλλων pareça referir-se somente aos animais, ou seja, os animais não humanos).

Endereço do Autor:

Pontificia Università Gregoriana

Piazza della Pilotta 4

00187 Roma

klffsj@gmail.com